

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1991

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente do Conselho*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

Razões Históricas

031

Acelera-se a mais séria ameaça de desagregação que o PMDB já enfrentou. Em nenhum dos momentos de dificuldades anteriores, o partido que veio da oposição para o poder tinha o formato majoritário que apresenta desde 1986. Este é, portanto, o momento crítico por excelência. O PMDB não agüentou a desproporcional vitória que lhe assegurou o governo de 22 estados e o peso majoritário na Constituinte. A unidade política começou a faltar-lhe daí por diante. O centro de gravidade da crise está em São Paulo.

Não há exagero, portanto, em atribuir uma boa parte da dificuldade política brasileira a um partido atarantado pelo poder. Não há democracia capaz de manter a situação anômala que se criou com a hegemonia política exercida por um partido que tenta, ao mesmo tempo, usufruir as vantagens do governo e exercer a cobrança oposicionista. A ambigüidade rendeu tudo o que podia para permitir a convivência dos contrários, mas não tem mais condições de conciliar tendências que tomam posição para disputar as eleições deste e dos próximos anos.

Uma seqüência que começou com o senador Mário Covas, prosseguiu com o ex-governador Franco Montoro e incluiu ontem o senador Fernando Henrique não pode desconhecer as suas conseqüências. Desta vez não é mais uma divergência que a oportunidade eleitoral reconcilia. Pelo contrário, a cisão decorre da diferença no modo de avaliar a responsabilidade política do partido. Os *históricos* preferem a ruptura com o partido que fundaram, como tentativa de resgatar a idéia original com outro partido. Estão trocando as comodidades do poder pelos riscos de um partido a ser fundado. Mas levam na bagagem o investimento que o PMDB fez durante muitos anos mas não conseguiu realizar depois que chegou ao poder.

É insuficiente a tentativa de explicar a cisão por interesses pessoais em candidaturas. Ambições pessoais acomodam-se e interesses políticos podem ser

compensados no jogo político. O PMDB já teria resolvido a questão da sua dupla personalidade se não fosse o casuísmo do regime militar, que ao abrir o quadro partidário estabeleceu a vinculação obrigatória de votos: o eleitor foi obrigado a votar em candidatos de uma única legenda. O PP voltou atrás e se recolheu à matriz oposicionista. O processo político sofreu um congelamento que o retardou. Em 1986, o PMDB capitalizaria sozinho vinte anos de oposição e o engodo do congelamento de preços.

Um partido com as proporções do PMDB não tem, no entanto, como satisfazer a todas as suas necessidades: o poder é insuficiente para tantas reivindicações. A Constituinte refletiu com maior clareza a ambivalência política e ideológica do PMDB: a constituição ainda não tem data previsível para ser promulgada. O governo não conta com o PMDB: cada vez que precisa dos seus votos, tem que pagar por eles o mesmo preço que paga aos demais. O fisiologismo perdeu a noção do tempo e da moralidade pública. O PMDB se comprometeu com a pior prática.

A cisão é inevitável a partir da verificação de que as eleições não serão mais como foram: vão ser diferentes. Se o PMDB tem que ser reduzido a proporções condizentes com o regime democrático, é natural que uma parcela de eleitos pela legenda do PMDB queira correr o seu risco político e restaurar o compromisso original do partido na nova legenda.

A cisão que se manifesta não é, como costuma ser dito, a repetição de um fenômeno que sempre volta atrás na hora das eleições. As condições são diferentes, porque desta vez o PMDB é governo e tem um preço a pagar pelas vantagens que usufruiu e o sobrepreço pelo que descumpriu. Se ocorrer o refluxo dos descontentes, é no entanto certo que a bandeira histórica será hasteada por outro partido. O PMDB não tem autoridade para prometer mudanças. A diferença é esta, e tem a ver com a democracia.